

**MAMELUCOS PAULISTAS:
Símbolo de uma ‘Nova Raça’ Brasileira? Bovarismo e Esquizofrenia no
Romantismo Brasileiro**

Professora Dra. Tania Rebelo Costa Serra

UNB

João Ramalho e os portugueses de Piratininga, de Santo André e de outros burgos (...), adotando o Brasil incondicionalmente, uniram-se com as índias, umas como esposas legítimas, e outras como (companheiras), e estas uniões contribuíram poderosamente para fazer o povoamento de São Vicente, e *formaram a raça cruzada dos mamelucos, fervorosa, energética, indomável e aventureira*. Esta é a origem da maior parte desses intrépidos aventureiros, que são chamados de sertanejos de São Paulo, lendários na história do Brasil que, no princípio apoiados pelo governo, levaram suas bandeiras em todas as direções, fazendo uma guerra cruel aos índios, com o objetivo único de fazê-los (...) escravos (*Noções de Corografia do Brasil*, p. 368, 369. Grifos meus).

Há quinze anos venho trabalhando com as obras de Joaquim Manuel de Macedo. Examinadas as ficcionais, passei a trabalhar com suas obras não-ficcionais¹, da qual faz parte o primeiro dos dois livros por mim usados neste estudo. O *Noções de Corografia do Brasil* foi escrito em 1.873 para representar o Brasil na Exposição Internacional de Viena e, basicamente, tem por objetivo fazer a propaganda do país, com vistas a atrair emigrantes europeus. O segundo livro aqui estudado é um romance histórico, publicado em folhetins em 1.845, cujo tema é a Guerra dos Emboabas, que opôs paulistas e portugueses no começo do século XVIII. Minha proposta será a de comparar os dois textos no que concerne à figura do mameluco, com relação às do índio e do branco, que o originaram.

Inicialmente, minha hipótese de trabalho era a de estudar o mameluco paulista, conforme é visto em Macedo e em Guimarães, como o símbolo de uma nova “raça brasileira”. No entanto, à medida que progredia a leitura e análise dos dois textos, verifiquei ter de ser alterada esta hipótese, não sendo mais inteiramente pertinente o substantivo mameluco naquela interpretação, conforme mostrarei no decorrer deste trabalho. Este é, de certa forma, a continuação do que apresentei em outubro de 2001², no IV Seminário Internacional de História da Literatura, na PUC de Porto Alegre.

Intitulado “*Noções de Corografia do Brasil*” (1873), de Joaquim Manuel de Macedo, e o estabelecimento de uma ‘mitografia’ macediana”, ali introduzo o adjetivo esquizofrênico para qualificar o discurso nitidamente político de Macedo e sua conseqüente dubiedade e duplicidade. O conceito de “discurso esquizofrênico”, então, seria a premissa - ou mesmo o “método de trabalho” embaixador - que permitiria a leitura desse texto como a de um palimpsesto, no qual o ideológico viria escondido sob o patriótico encômio da terra. Verifico, também, que as abordagens dos tipos acima mencionados são essencialmente “esquizofrênicas”.

Por outro lado, também ali utilizei um conceito com o qual volto a trabalhar hoje, o de bovarismo no II Reinado; sobre o qual digo:

a (...) questão (da emigração para o Brasil) implica uma leitura ideológica do texto macediano, e o conceito ideológico que me parece estar por trás daquela exigência de europeização é o de “bovarismo”, magnificamente identificado por Lúcia Miguel-Pereira na sociedade do II Reinado: queremos europeus porque, já sendo nós mesmos europeus, a nova leva de povoamento viria apenas consolidar a que já existe⁴. De mais a mais, o Brasil teria até mesmo um clima (p. 407) igual ao da Europa, o qual será reiteradamente descrito e louvado nas 500 páginas da obra ‘científica’.

Por fim, tendo ali levantado vários “mitos” nacionais brasileiros, penso poder dizer que o *Noções* traz pelo menos mais um mito que deve ser registrado. Este vem a constituir a

¹ *Lições de História do Brasil* (1861-1865), *Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro* (1862), *Noções de Corografia do Brasil* (1873), *Ano Biográfico Brasileiro* (1876), *Efemérida Histórica do Brasil* (1877), *Memórias da Rua do Ouvidor* (1878).

² Vide artigos de Tania Serra: “O *Ano Biográfico Brasileiro*, de Joaquim Manuel de Macedo, como uma Leitura da História da Literatura”. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Anais do I Seminário Internacional de História da Literatura. Porto Alegre: vol. 3, número 1, abril/1997 e “A Oficialização do Cânone Literário no *Ano Biográfico Brasileiro* (1876-1880), de Joaquim Manuel de Macedo”. *Letras de Hoje*. Anais do II Seminário de História da Literatura. Porto Alegre: PUCRS, vol. 31, número 4, dezembro/1996.

³ Toda vez que esse livro - ou qualquer citação com seu número de página respectivo - for mencionado, tratar-se-á da versão lida, em francês: *Notions de Chorographie du Brésil*, cópia obtida na Elmer Holmes Bobst Library da New York University. A versão (livre) para o português é minha.

⁴ É curioso ver como ainda hoje esse tema é atual: em julho de 2.001, o presidente Fernando Henrique Cardoso falava de “bovarismo” na sociedade argentina. Diz o *Jornal Valor*, de 09/07/2.001, em entrevista com o presidente: “Fernando Henrique fala de **desraigamiento** para explicar um povo que se sente arrancado de suas raízes européias e confinado a um pedaço do fim do mundo, como uma das causas (da) prostração social”.

atual hipótese desta análise: o duplo forjamento, pela **intelligentsia** do II Reinado, do mito da “raça brasileira”: por um lado, aquela do imaginário ficcional, mestiça e mais forte que suas formadoras, e, por outro lado, a “raça branca brasileira”, aquela conforme a qual pretendem classificar-se os brasileiros.

Começamos este trabalho, então, pelo texto de Macedo. O branco português, que havia sido por várias décadas vilipendiado, em função da forte lusofobia pós-Independência, já é aqui altamente louvado⁵, porque esse público é um dos alvos a que mira seu discurso. Estamos ali em pleno exercício do bovarismo acima mencionado; a “ressaca” indianista, **grosso modo**⁶, já tendo passado, a mitografia macediana é construída sobre um discurso de modelo europeu, embora irracionalmente exuberante (p. 22, 85), em que o elemento branco na formação racial brasileira é enfatizado e, sobretudo, “ratificado”.

Assim, tendo por objetivo precípuo estimular a emigração européia para o país tropical e, ao mesmo tempo, “reforçar” suas origens européias, em decorrência da duplicidade daquele discurso esquizofrênico o texto veicula idéias - eu diria mesmo silogismos - no mínimo intrigantes. Como exemplo mais pertinente a esta análise está aquela idéia em que o autor diz serem índios e negros refratários à civilização, mas os mestiços não. Esta afirmação passará a integrar a hipótese central deste trabalho, pois é a partir dela, parece-me, que seria possível fazer emergir a idéia de uma “raça superior” (aquela do imaginário ficcional), composta por mestiços e digna representante do novo mundo. O sangue novo introduzido na mestiçagem traria, como corolário, o fortalecimento da “raça brasileira”. Vejamos o que diz Macedo:

a população do Brasil divide-se em diversos tipos e variedades distintas: o índio, gentio ou indígena, de cor de cobre; o europeu, ou branco, e seus descendentes; o mameluco, vindo da geração mista das raças branca e indígena; o negro africano, introduzido no país desde a criação das capitânicas hereditárias (1534), e o mulato, vindo da mistura das raças branca e africana, e seus descendentes. O indígena é, como antes, refratário à civilização; os negros da África, que ainda existem, também o são; *mas os crioulos, descendentes destes, mostram muito maior inteligência. E estes mestiços igualam-se aos europeus e seus descendentes pela capacidade, força e extensão das capacidades intelectuais* (176, grifos meus).

Embora eu vá trabalhar apenas com o recorte dos mamelucos e suas raças formadoras nesta comunicação⁷, parece existir nova contradição de fundo no discurso acima: tal população mestiça deixaria de ser européia?... E o bovarismo? Como entender a demanda por emigração européia cristã⁸? Continuamos no domínio do discurso esquizofrênico. Seria necessário, então, mais adiante, introduzir um raciocínio diferente, a fim de poder-se abordar adequadamente essas questões.

Primeiramente, é preciso analisar dentro de alguma perspectiva – com relação ao prestígio social que lhes é atribuído, por exemplo - a posição em que ficam aqueles três segmentos, antes mencionados, em relação uns com os outros. Assim, se os imaginarmos sobre uma linha reta, índios e brancos ali ocupariam pólos opostos. O mameluco ficaria a meio caminho entre os dois, ainda em oposição ao branco, mas não tão extrema. No entanto, no caso do discurso macediano, fica ainda bastante clara a existência de um paradoxo entre a louvação, e até mesmo a “valoração”, de brancos e mamelucos. Ambos são “o melhor”, dependendo do ponto de vista de determinado capítulo.

⁵ Macedo louva os antepassados do Imperador e o próprio inúmeras vezes, e mostra predileção especial pelo Marquês de Pombal (p. 13, 16, 20, 371).

⁶ *Ubirajara*, de Alencar, é de 1.874!

⁷ O negro nunca foi figura idealizada durante o Romantismo. Mas este é assunto para outra pesquisa

⁸ Apenas após o advento da República pôde haver emigração não cristã e não européia (ex: os japoneses). O II Reinado era extremamente “seletivo”.

Assim, se os imaginarmos sobre uma linha reta, índios e brancos ali ocupariam pólos opostos. O mameluco ficaria a meio caminho entre os dois, ainda em oposição ao branco, mas não tão extrema. No entanto, no caso do discurso macediano, fica ainda bastante clara a existência de um paradoxo entre a louvação, e até mesmo a “valoração”, de brancos e mamelucos. Ambos são “o melhor”, dependendo do ponto de vista sob o qual os trata em determinado capítulo. Em verdade, veremos, ambos seriam sinônimos.

Como resolver esse aparente paradoxo? Parece-me ser necessário, neste momento, abordar essas questões sob o novo raciocínio, a saber, o de polaridades complementares. Com este objetivo, tomo emprestado um conceito da filosofia oriental, no qual opostos aparentes, como masculino e feminino, por exemplo, são vistos como as duas faces de uma mesma moeda - como forças complementares.

Mutatis mutandis, seria possível imaginar, naquele momento histórico-literário específico do Romantismo, as figuras do índio e do mameluco, em oposição à do branco, como a moeda com as suas duas faces: aquela idealizada pela literatura - e exigida pelo nacionalismo pós-independência -, e a da vida real, que prioriza o que é europeu, em todos os aspectos, inclusive o racial. Sob aquele ponto de vista, então, seria possível compreendermos a existência de um mecanismo de aglutinação entre os dois pólos, que se iriam aproximando, progressivamente, até o ponto de convergência em que se tornam APENAS UM; em que é possível a substituição de um pelo outro. A reta curva-se e transforma-se em círculo; os opostos confundem-se e equivalem-se.

Ainda segundo esse raciocínio, não haveria “esquizofrenia”, ou oposição, entre as duas abordagens, senão a presença de um mesmo fenômeno em momentos – ou necessidades - diferentes de sua existência. Poderíamos mesmo dizer que uma leitura poderia estar presente na outra – em palimpsesto. Assim, ao contrário da leitura por exclusão, deveríamos utilizar uma leitura por inclusão, ou seja: o mestiço não seria oposto ao branco, simplesmente porque ele seria branco... Uma relação de substituição, como numa metonímia.

Em verdade, se observarmos atentamente a História da Literatura do Romantismo, verificamos que aquela polarização ia variando de acordo com o grau de nacionalismo requerido pela **intelligentsia** num momento histórico determinado: quanto maior era ele, como o foi durante todo o período da I geração romântica, maior a ênfase sobre a idealização, como sobre o **bon sauvage** e, em seguida, embora com menor intensidade, sobre o **Homo Brasiliensis**, que vem ocupar a posição ideológico-metafórica do índio.

Essas relações alternam-se até pelo menos o Modernismo, variando a polarização à medida em que mudam as escolas e o cânone literário. Já numa História da Cultura Brasileira novecentista, sai-se do domínio da metáfora e entra-se no da metonímia. Sob este prisma, é a visão da equivalência racial (raça branca brasileira) a que mais seria enfatizada.

Analisando rapidamente a figura literária do índio, este será o herói insuperável de muita obra-prima da época, seu paradigma sendo, indiscutivelmente, Peri, no romance, e Juca-Pirama na poesia. Contudo, é preciso sempre ter em mente que se está no primeiro momento da pós-Independência, quando o país luta para definir uma identidade cultural própria. Neste contexto, sendo o índio o único nativo dos sertões do novo mundo, quando este foi descoberto pelos portugueses, nada mais natural que figurasse como seu verdadeiro representante, opondo-se à figura do colonizador branco. O Indianismo foi, portanto, o pólo extremo da idealização **versus** o realismo da valorização do elemento branco.

Na vida “real”, contudo, nunca havia cessado o racismo com relação aos nativos, e, parece-me, não haveria outra explicação para o fim “em aberto” d’*O Guarani*, em que o autor nega-nos a boda final. Sob este prisma, em inúmeros capítulos do *Noções de Corografia do Brasil* Macedo apresenta-os como “bárbaros canibais” (p. 4, 6, 7, 187), que, à vezes, podiam civilizar-se, caso conseguissem assimilar a evangelização dos missionários. Na verdade, depreende-se dessa obra que a real utilidade dos nativos seria a de povoar as distantes províncias de nossos sertões, demasiado “inóspitas” para os emigrantes europeus.

Já o mameluco⁹ - no seu aspecto mais indígena e instintivo do que europeu civilizado - marca presença na literatura romântica inicial, mas sempre em tom menor. A relação de complementaridade segue ocorrendo, como já observei antes, mas é menos distanciada. O paradigma mais importante desse personagem seria Moacir, filho de Iracema e Martim, mas ele também inspiraria personagens secundários importantes, como a mameluca Isabel, de *O Guarani*, ou o bandeirante Fernão Dias Pais Leme, de “O Caçador de Esmeraldas”.

No Macedo de 1.873 fala-se dos mamelucos paulistas como os heróis históricos da povoação da colônia portuguesa, responsáveis pelas atuais fronteiras do Brasil, remarcadas para muito além das do Tratado de Tordesilhas. Quando o autor está seguindo a vertente mais idealizada do seu “discurso esquizofrênico”, os bandeirantes paulistas são descritos como heróis corajosos (p. 6, 7, 442, 482). Por outro lado, quando o pólo realista está mais ativado, são descritos como “intrépidos (mas) duros” (p. 416), ou “fogosos (mas) indomáveis” (p. 470). Ou seja: perigosos e bárbaros como os índios. Longe vai-se aqui da extrema idealização do Indianismo. Por fim, são definidos essencialmente como “mestiços” – mais inteligentes que outros grupos, como já vimos -, desde os primeiros momentos da colônia, sobretudo em São Paulo, onde se criou o que Macedo chama de - “a raça dos mamelucos” (p. 368, 369).

Assim, parece ser legítimo pensar que a figura do mameluco heróico ocuparia na História da Literatura Brasileira - com vistas à fixação da nossa identidade cultural -, o mesmo papel ideológico que ocupou na gramática histórica a “língua brasileira”, tão ferrenhamente defendida por José de Alencar. Nem a variante brasileira era uma língua autônoma, nem o mameluco foi aceito pelo seu lado selvagem, senão pelo seu lado “branco”¹⁰. São ambas criações político-ideológicas da nossa **intelligentsia** em fase nacionalista, já que a identidade cultural brasileira exigia o conceito de superioridade do mestiço, a fim de poder mostrar-se melhor que o português colonizador.

Em verdade, o que ocorre de fato, no domínio da História da Cultura, é, praticamente, o forjamento de uma “quarta raça”, resultado daquela união dos opostos que vimos um pouco atrás: a raça (branca) brasileira. Este mecanismo político-ideológico é efetivado, a meu ver, numa situação sociológica interessante, através de uma espécie de “crase racial”, ou seja, o embranquecimento de toda a população, decorrente da convergência dos dois pólos complementares. O eufemismo - “moreno” -, ainda hoje usado para designar um mulato, também seria a figura mais pertinente a essa nova raça...

Superficialmente, o que primeiro se recebe da leitura de Macedo é a visão do mameluco paulista como símbolo de uma nova raça: mestiça, fortalecida, digna representante do novo mundo e do Império. Sub-repticiamente, ou em palimpsesto, ou, ainda, esquizofrenicamente, pulsa a versão do povo brasileiro como raça branca, essencialmente européia. A premissa mais adequada para a leitura ideológica do *Noções de Corografia do Brasil*, então, seria a do bovarismo. O encômio ao mestiço seria idealização literária. O brasileiro de que fala em 1.873 seria “pós-mestiço”, ou, melhor ainda, “neo-branco”... Não há dúvida de que, para Macedo, é este o brasileiro símbolo da nova e pujante raça do novo mundo.

É apenas a segunda versão a que vamos encontrar no folhetim histórico *A Guerra dos Emboabas*, de Vicente Pereira de Carvalho Guimarães¹¹. 1^o: os brasileiros são ali vistos como uma “raça superior” e 2^o: eles são vistos como raça branca. Unindo silogisticamente as duas afirmativas, deduz-se facilmente a existência de uma raça branca brasileira, simbolizada pelos paulistas; exatamente como se reconhecia, deleitada, a população do Império¹² tropical.

⁹ O mulato nunca é personagem principal ou herói na literatura romântica. No *Noções*, há mesmo um racismo disfarçado, quando Macedo diz serem os negros preguiçosos e indolentes (p. 176-7).

¹⁰ Como, aliás, o mulato. Pensemos em Machado de Assis, que teria, segundo alguns de seus fãs, “alma de branco”...

¹¹ Publicado na Revista *Ostensor Brasileiro*, em 1.845.

¹² O método da dedução silogística não é novo em nosso Romantismo, tendo sido primeiramente introduzido por Gonçalves de Magalhães, no seu “Ensaio”, de 1.836.

Nesse romance histórico, observa-se a História do Brasil não sob o ponto de vista idealizador e metafórico da **intelligentsia**, mas pelo ponto de vista do público leitor altamente bovarista. Desta maneira – e pela mesma razão pela qual a palavra não foi usada nem uma única vez no texto –, os mamelucos paulistas são “embranquecidos”, conforme convinha ao autor, tudo indica, a fim de agradar a seu público, que se identificava inteiramente com os personagens daquela literatura. Pura metonímia realista em plena I geração romântica. Apesar da moda indianista – esta, pura metáfora romântica – e da lusofobia, ainda fala mais forte o preconceito hegemônico europeu contra os mestiços, razão pela qual nossos heróis não poderiam ser chamados nem de mamelucos¹³, nem de mestiços. Verifica-se, também, um novo mecanismo de “crase”: os brasileiros incorporam o preconceito racial e perpetuam-no, embora pelo contrário, ou seja, pela “auto-negativa” – ninguém seria mestiço...

N’A *Guerra dos Emboabas*, os paulistas “brancos” são os protagonistas de um romance histórico – nunca indianista –, que tem por tema os acontecimentos ocorridos durante um curto período da Guerra dos Emboabas, em que se enfrentam paulistas e portugueses pelo ouro das Minas Gerais, no ano de 1.710. Nestes acontecimentos opõem-se a tropa de Amador Bueno e a dos “boabas”, os estrangeiros. Naturalmente, historicamente falando, foram mesmo os bandeirantes paulistas que descobriram as jazidas de ouro, das quais sentem-se legítimos donos – como brasileiros e como ambiciosos que são (legítima herança européia), e sobre as quais exigem à Coroa portuguesa direito, se não de posse, pelo menos de extração e lucro sobre o ouro.

Numa pequena digressão a respeito da ambição cega dos bandeirantes, há no folhetim uma passagem memorável sobre as mulheres paulistas que merece ser ouvida, diante da qual até o vilão absoluto Loredano, de *O Guarani*, empalideceria:

A mania de todos os paulistas, a sua natural inclinação para as empresas arriscadas é conhecida, e o trato comercial e a agricultura amolece e modifica os costumes (...). E os filhos de São Paulo não se davam nem a um, nem à outra; a sede do ouro, mal de todo mundo, quero eu que fosse mui pronunciada nesses homens, que tudo arriscavam, mesmo a alma para obtê-lo.

(...) Grande peso lhes faço eu enquanto digo, e deste não se podem eles furtar-se; porque vereis em toda a parte as mulheres e filhos lastimar-se quando uma guerra leva para longe de si os seus queridos. Mas em São Paulo era um crime e uma coisa não vista o pranto por aqueles que se iam, antes com arrogâncias indignas do sexo. Eram elas que se esforçavam, não a defender a pátria contra estranho inimigo, mas a irem às Minas a derramar o sangue de cristãos e parentes, e tudo por causa do ouro, de sorte que a cobiça deslustrava seu heroísmo, virtude que poucas vezes assenta bem à mulher. Quando se preparavam as expedições arriscadas de descoberta, era para ver como todas, pondo de parte a natural saudade, ferozes e cobiçosas se regozijavam com os esperados frutos de tão árduos trabalhos. Na volta, a primeira saudação, o primeiro abraço era saber se haviam achado ouro, diamantes, escravos!

A leitura mais atenta do texto de Guimarães¹⁴ permite-nos também crer que é o mesmo bovarismo sutil, já analisado em Macedo, o responsável aqui pela substituição da metáfora nacionalista pela metonímia mais realista. Sob outro aspecto, a escolha do gênero histórico é lapidar, pois ele não só caracteriza, como estabelece, fixa e define uma verdade racial “histórica”. Por fim, como exemplo para evidenciar a origem prioritariamente européia dos personagens, num determinado momento da narrativa, um dos três personagens principais, Fernão Vitelo, o Rachador, é descrito como “loiro”.

¹³ O mais incrível, no entanto, é que esta situação ainda se veja refletida no século XX, sobretudo no período entre 1.964 e 1.985, quando o país era descrito nos manuais de Moral e Cívica como “o maior país de raça branca da América Latina”.

¹⁴ Não serão colocados números de página por tratar-se de texto **in mimeo**, não publicado ainda.

Nesse romance os paulistas nunca são descritos como mestiços; eles têm apenas uma relação de poder com os índios, a quem escravizam, e pelos quais não sentem a menor afinidade, como se não tivessem sangue índio, e a única diferença entre eles e os portugueses parece ser o lugar do nascimento. O comportamento de ambos é idêntico, até mesmo as crueldades de guerra são feitas pelos dois lados – embora os mestres sejam os portugueses.

Não resta dúvida, portanto, de que eles são vistos, não só como brancos, mas sobretudo como europeus. Ora, aceita esta premissa, dela imediatamente infere-se que os brasileiros ganhariam o direito – legítimo - de lutar pela posse da terra de igual para igual. O que passaria a diferenciá-los dos estrangeiros, além do lugar de nascimento, seria apenas a capacidade – tão alucinadamente incentivada por suas mulheres – de descobrir e extrair ouro. Por outro lado, fica também claro um outro objetivo do romancista: ao colocá-los em igualdade de “civilização” com os portugueses, pode-se logicamente deduzir haver direitos iguais na competição pela posse do território, o que vai legalmente ocorrer em 1.822.

E é baseado nesse tipo de matéria prima, nessa tendência “silogística” nacional, que Macedo, quase trinta anos depois de Guimarães, vai forjar mais um de seus mitos no *Noções de Corografia do Brasil*: o da “raça superior brasileira” – que é sub-repticiamente branca. O discurso esquizofrênico entre a superioridade da “raça dos mamelucos” e essa nova raça brasileira deixa de existir, insisto, devido às “crases” mencionada anteriormente. Os opostos uniram-se em apenas uma face: aquela como o brasileiro do II Reinado via-se: como branco europeu.

A fim de concluir, devo ainda dizer que a hipótese inicial - mamelucos paulistas: símbolo de uma ‘nova raça’ brasileira? – necessária, então, ser ligeiramente alterada para - paulistas (brancos): símbolo de uma ‘nova raça’ brasileira? -, pois apenas assim teríamos uma interpretação realista desses textos, na qual aqueles estariam metonimicamente representados nestes. Por outro lado, a fundação lógico-ideológica que permite a realização desta crase, ou sincretismo político, é a mesma, tanto no discurso do Macedo das *Noções*, quanto no do Guimarães dos *Emboabas*. Trata-se da infra-estrutura bovarista, em palimpsesto, que os permeia.

Concomitantemente, deveríamos sempre falar de um duplo forjamento daquele símbolo, tornado um através de uma união dos opostos: o viés ficcional, que origina a supremacia da “raça dos mamelucos”, e o realista, que cria a “quarta raça” - a raça (branca) brasileira -, sinônimo da originalidade no novo mundo, de força e de pujança. Curiosamente, é a matéria prima ideológica dessa prosa ficcional que fornecerá a premissa e o paradigma sobre os quais Macedo embasará seu pensamento histórico-corográfico “científico”. Assim, nessas primeiras décadas de forjamento de nossa História e de nossa identidade cultural, a ficção torna-se o pólo complementar, ou a outra face, da tradição. Novo fenômeno sincrético?

De todas as maneiras - abstenho-me de fazer um julgamento politicamente correto (?) sobre os graves fatos aqui desvendados (o bovarismo; o racismo difuso; a propaganda enganosa com o fim de atrair emigrantes ao Império) -, concluindo, parece-me poder dizer, independente do desfecho da hipótese, que Joaquim Manuel de Macedo fica mais uma vez duplamente caracterizado: ele é, não só o garimpeiro das matérias primas ideológicas que circulavam livremente pelo país, mas também o ourives que tem o dom de transformá-las em “mitos” nacionais. A pertinência destes até os dias de hoje confirma o poder legislador e cristizador do professor de História do Brasil, nos mesmos moldes em que fixou, com o romance *A Moreninha*, o primeiro mito feminino da literatura brasileira.

BIBLIOGRAFIA

- Guimarães, Vicente Pereira de Carvalho. *A Guerra dos Emboabas*. RJ: Revista Literária *Ostensor Brasileiro*. RJ: números 12 a 20, 1845.
- Macedo, Joaquim Manuel de. *Notions de Chorographie du Brésil*. Alemanha/Leipzig: Imprimerie de F. A. Brockhaus, 1873.
- Miguel Pereira, Lúcia. *História da Literatura Brasileira. Prosa de Ficção – 1870-1920*. RJ: MEC/José Olympio, 1973. 3a ed.
- Serra, Tania Rebelo Costa. *Joaquim Manuel de Macedo ou Os Dois Macedos. A Luneta Mágica do II Reinado*. RJ: Departamento Nacional do Livro/Fundação Biblioteca Nacional, 1994.